

Hanseníase no nordeste brasileiro: aspectos clínicos e epidemiológicos

Ana Karla A. N. Costa¹; Laura B. do Nascimento²; Irmitraut Araci H. Pfrimer³,
José R. do Carmo Filho³

¹ Faculdade Guanambi, 46430-000, Guanambi, BA, Brasil. E-mail: karlaaraujobio@gmail.com.

² Secretaria Municipal de Saúde de Goiânia, 74884-900, Goiânia, GO, Brasil. E-mail: lbranquinhon@gmail.com. ³ Pontifícia Universidade Católica de Goiás, 74605-010, Goiânia, GO, Brasil. E-mail: araci@pfrimer.com.br. ³ Pontifícia Universidade Católica de Goiás, 74605-010, Goiânia, GO, Brasil. E-mail: biomedico53@gmail.com.

A hanseníase é hiperendêmica no Brasil. É uma doença infectocontagiosa de evolução crônica, causada pelo *Mycobacterium leprae*. O objetivo do trabalho foi analisar os aspectos clínicos e epidemiológicos da hanseníase no Estado da Bahia no período de 2005 a 2015. Trata-se de um estudo descritivo, transversal, envolvendo 35.853 casos de hanseníase. Os dados foram advindos do Sistema de Informação de Agravos de Notificação (SINAN). As análises estatísticas foram feitas com o auxílio do pacote estatístico SPSS, versão 23.0. O nível de significância utilizado foi de 5% ($p < 0,05$). Foram registrados 35.853 casos de hanseníase, sendo a maioria do sexo masculino [18.610 (51,9%)], na faixa etária entre 40-59 [12.544 (35%)], pardo [20.795 (58%)], com nível fundamental incompleto [22003 (961,4%)], residiam em zona urbana [25.841 (72,1%)] e idade gestacional foi ignorada para maioria das mulheres em idade fértil [6.908 (98,6%)]. A forma clínica dimorfa [9.640 (26,9%)], multibacilares [20.551 (57,3%)], o grau zero de incapacidade física [21.902 (61,1%)], foram os mais incidentes. O modo de entrada mais frequente foi a de casos novos [31.004 (86,5%)], a cura foi a principal forma de saída [26.707 (74,5%)], a baciloscopia não foi realizada na maioria dos casos [7.439 (20,7%)] e o esquema terapêutico inicial foi a PQT/MB [20245 (56,5%)]. O coeficiente de incidência da forma clínica dimorfa aumentou. A taxa de detecção dos casos de hanseníase foi muito alta. O abandono do tratamento foi maior da forma clínica dimorfa [499 (26,4%)], com tendência crescente do seu coeficiente de incidência ($R^2 = 0,2301$; $p < 0,001$) e estabilidade para forma clínica virchowiana ($R^2 = 0,3678$; $p < 0,001$). Conclui-se que a hanseníase no Estado da Bahia é endêmica e ainda constitui um problema de saúde pública.

Palavras-chave: doenças negligenciadas, epidemiologia, hanseníase.

Apoio: Faculdade Guanambi – FG.